

ERRADICAÇÃO DA SURDEZ: A EUGENIA NA ESCOLARIZAÇÃO DOS SURDOS NO SÉCULO XIX

THE ERADICATION OF DEAFNESS: EUGENICS IN DEAF SCHOOLING IN THE 19TH CENTURY

ERRADICACIÓN DE LA SORDERA: LA EUGENESIA EN LA ESCOLARIDAD DE LOS SORDOS EN EL SIGLO XIX

Morena Dolores Patriota da Silva*
morenadolores81@gmail.com

Regina Maria de Souza**
reginalaghi@hotmail.com

REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da Unochapecó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: SILVA, M. D. P.; SOUZA, R. M. Erradicação da surdez: a eugenia na escolarização dos surdos no século XIX. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 20, n. 43, p. 183-201, jan./abr.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v20i43.3942>

RESUMO: O presente artigo defende a vinculação das ideias de Alexander Graham Bell e daquelas assumidas no *Congresso Internacional de Educação para Surdos* de 1880 com as teses eugênicas que, no Brasil, foram organizadas e defendidas por Renato Kehl em 1923. Como metodologia, a obra *A cura da fealdade*, de Kehl, foi utilizada como base para a elaboração de categorias para a análise das teses de Bell e das do Congresso. Os resultados indicam a influência da eugenia na política educacional para os surdos no século XIX, com a defesa da oralização, da coibição da expansão das escolas e das associações de surdos, bem como da língua de sinais e do casamento entre surdos com o objetivo de evitar a formação de uma variedade surda da raça humana.

Palavras-chave: Eugenia. Educação de Surdos. Alexander Graham Bell. Renato Kehl. Congresso Internacional de Educação para Surdos.

ABSTRACT: The present paper posits that there is a connection between the ideas of Alexander Graham Bell, as well as those assumed at the International Congress on Education of the Deaf, in 1880, with eugenic theses put forward in Brazil by Renato Kehl in 1923. As a methodology, his work *The cure of ugliness*, was utilized as a basis for designing categories for the analysis of Bell's and the Congress' theses. The results confirm the influence of eugenics in the educational policy for the

deaf in the 19th century, with its defense of oralization, the prohibition of schools and associations for the deaf, as well as of sign languages and the marriage between deaf persons, with the aim of avoiding the formation of a deaf variety of the human race.

Keywords: Eugenics. Deaf Education. Alexander Graham Bell. Renato Kehl. International Congress on Education of the Deaf.

RESUMEN: El presente artículo defiende la vinculación de las ideas de Alexander Graham Bell y de aquellas asumidas en el Congreso Internacional de Educación para Sordos de 1880 con las tesis eugénicas que, en Brasil, fueron organizadas y defendidas por Renato Kehl en 1923. Como metodología, la obra "La cura de la fealdad" de Kehl, fue utilizada como base para la elaboración de categorías para el análisis de las tesis de Bell y las del Congreso. Los resultados indican la influencia de la eugenesia en la política educacional para los sordos en el siglo XIX, con la defensa de la oralización, de la cohibición de la expansión de las escuelas y de las asociaciones de sordos, así como la lengua de signos y del casamiento entre sordos con el objetivo de evitar la formación de una variedad sorda de la raza humana.

Palabras clave: Eugenesia. Educación de Sordos. Alexander Graham Bell. Renato Kehl. Congreso Internacional de Educación para Sordos.

* Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Londrina (2011). Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2016) e Especialista em Docência na Educação Superior pela Universidade Estadual de Londrina (2013). Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Pedagoga do Instituto Federal do Paraná, Campus Londrina.

** Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1980), Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1986), Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1996), Pós-doutora em Linguística pela Universidad de la Republica Uruguay (2008).

1 “o termo *raça* é introduzido na literatura mais especializada em inícios do século XIX, por Georges Cuvier, inaugurando a ideia da existência de heranças físicas permanentes entre os vários grupos humanos [...]” (Schawarcz, 1993, p. 63). “[...] é apenas no século XIX, com as teorias das raças, que a apreensão das ‘diferenças’ transforma-se em projeto teórico de pretensão universal e globalizante. ‘Naturalizar as diferenças’ significou, nesse momento, o estabelecimento de correções rígidas entre características físicas e atributos morais” (Schawarcz, 1993, p. 85). Atualmente, a biologia moderna tem demonstrado ser impróprio considerar a existência de raças humanas porque todos nós pertencemos à mesma espécie: *homo sapiens*. A divisão em grupos raciais é efeito de uma fabricação política que atende a jogos de poder sobre o outro. Uma discussão pertinente sobre o tema pode ser lida em Santos e Maio (2004). Todavia, por exemplo, o movimento negro, em seu ativismo, se vale do termo “raça negra” para enfrentar/interpelar/afrentar/desconstruir os efeitos perversos advindos da divisão racial política por brancos – que repetem o ideário eugenista mesmo sem se darem conta – contra eles, que se mantém, na prática, até os nossos dias.

2 Tara: “1. Falha ou defeito de fabricação [...]; 2. Defeito (físico, mental, moral) considerado hereditário. [...] 4. Degradação moral, desvio de conduta; perversão, depravação [...]”; 5- PSICOP *inferm*. Desequilíbrio mental; [...]” (Houaiss; Villar, 2009, p. 1814). Tarado: “5. Que ou quem tem tara (‘deficiência ou desequilíbrio mental’); 6. p. ext. que ou quem é moralmente devasso; depravado”. (Houaiss; Villar, 2009, p. 1814). Portanto, *tarado* era uma denominação utilizada pelos eugenistas para significar qualquer sujeito que apresentasse *desvios* – físicos, mentais e morais – considerados anormais e que pudessem causar degeneração de uma raça.

1 INTRODUÇÃO

Em 1883, 24 anos após a publicação de *A origem das espécies* (1859) por Darwin, Francis Galton, primo de Charles Darwin, cunhou o termo *eugenia*, palavra de origem grega que significa *bem-nascido*. Esse foi o termo empregado por ele para se referir ao movimento intelectual que, tendo como objetivo realizar pesquisas com vistas à formação de uma raça humana¹ pura e aprimorada, pretendia se instituir, também, como área de conhecimento autônoma e nos moldes das ciências exatas (Diwan, 2007).

Como estratégias que levassem à *regeneração da raça*, foram propostas e colocadas em marcha ações diversas, como: a educação eugênica, a proibição de casamentos de pessoas que tivessem algum tipo de anormalidade e a prática das esterilizações compulsórias. No século XIX e no início do século XX a eugenia teve uma grande expansão e a adesão de importantes intelectuais (Alexander Graham Bell, Carl Brigham, Leonard Darwin, Charles Davenport, dentre outros) e de governos de diversos países; entretanto, as ações aplicadas variaram conforme a cultura, as características da população, a história do país e as políticas locais de uma região ou estado. Vale a pena lembrar que o movimento eugênico teve sua expressão mais cruel no holocausto nazista (Diwan, 2007).

A eugenia também esteve presente no Brasil, e um dos representantes de maior destaque foi o médico Renato Kehl (1889-1974), que escreveu diversas obras defendendo a importância de estudos e pesquisas no campo da eugenia (Diwan, 2007). Para melhor compreensão dos preceitos eugênicos, recorremos à obra de Kehl, *A cura da fealdade*, publicada em 1923, na qual ele busca disseminar os conhecimentos eugênicos e higiênicos em prol do benefício da espécie. Ele defendia que, com a implantação da consciência da função procriadora, da importância da transmissão de *caracteres ótimos* e com o impedimento da perpetuação dos caracteres *degenerados*, ou seja, com a proibição da procriação de indivíduos *degenerados, tarados² e viciosos*, a sociedade seria herdeira de um futuro cada vez mais promissor para a humanidade (Kehl, 1923).

Embora não seja o objetivo deste trabalho discutir as excepcionais contribuições do filósofo Michel Foucault, tendo em vista ser outro o objeto que nos move à presente escrita, julgamos importante destacar que, em sua obra, *Em defesa da sociedade*, Foucault (2000) defendeu a tese de que as *anormalidades*, em uma determinada época, são *fabricadas* como efeito da *política de controle da população* pelo Estado moderno, na qual se articula o que é considerado normal para essa época – a norma³ – com o poder disciplinar⁴ e o exercício do biopoder⁵ sobre a população. Dito de outro modo, a forma de regulamentação do Estado moderno cria tanto os *sujeitos normais* como aqueles que, com suas *anormalidades*, estão excluídos da convivência social. Portanto, diz Foucault (2000), com a classificação do/ de que(m) é *normal*, aparece o anormal; com a legitimação

3 “A norma é o que pode tanto se aplicar a um corpo que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar [...] A sociedade de normalização é uma sociedade em que se cruzam, conforme uma articulação ortogonal, a norma da disciplina e a norma da regulamentação” (Foucault, 1999, p. 302).

4 A disciplina “visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente [...] A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’” (Foucault, 2014, p. 135).

5 Biopoder: Trata-se “[...] mediante mecanismos globais, de agir de tal maneira que se obtenham estados globais de equilíbrio, de regularidade; em resumo, de levar em conta a vida, os processos biológicos do homem-espécie e de assegurar sobre eles não uma disciplina, mas uma regulamentação (p. 294); [...] é cada vez menos o direito de fazer morrer e cada vez mais o direito de intervir para fazer viver, e na maneira de viver, e no “como” da vida, a partir do momento em que, portanto, o poder intervém sobretudo nesse nível para aumentar a vida, para controlar seus acidentes, suas eventualidades, suas deficiências [...]” (p. 295). (Foucault, 2000, p. 294-295).

6 A produção do outro anormal teria como efeito a fermentação de uma nova forma de racismo, que Foucault (2000) chamou de racismo de estado. A eugenia conferiu ao racismo de estado a sua face mais visível e atualmente repaginada, talvez, nos centros de genética, onde se possibilita aos pais a escolha do sexo e de outras características do feto efetivada por fecundação *in vitro*.

7 O Congresso Internacional de Educação para Surdos, realizado em Milão de 6 a 11 de setembro de 1880, reuniu cerca de 200 pessoas provenientes de vários países da Europa e da América do Norte, com o objetivo de discutir e deliberar sobre a melhor política para a educação de surdos. A proposta principal era de assumir, coletivamente, qual seria o melhor método a ser adotado: se o oral ou o gestual. Embora essa discussão permanecesse até nossos dias, no Congresso de Milão foi vitoriosa a deliberação pelo método oral. Os professores surdos foram excluídos do voto, o oralismo “saiu triunfante e o uso da língua de sinais foi oficialmente proibido nas escolas” (Skliar, 1997, p. 45).

das ciências e de todo um saber nosográfico se produzem também mecanismos para a normalização ou a manutenção da vida dos *anormais* (reabilitação, programas de seguridade social, etc.).

A produção dos *anormais* atende a interesses históricos e políticos de uma determinada época e daí reside sua perversidade: o que é normal hoje pode não ser amanhã. Na legitimação dos discursos que determinam o que é ou não normal, o que é ou não verdadeiro em uma época, tem grande influência as ciências, as religiões e as instituições em geral, de modo que o exercício do poder se estende capilarmente do Estado à família (Foucault, 1996, 2014).

Entendemos que, provada nossa tese das marcas eugênicas sobre a definição da política de educação de surdos no século XIX, em trabalhos futuros nosso objetivo será aprofundar a relação entre eugenia e biopolítica em articulação com o desenvolvimento do liberalismo econômico. Neste trabalho, vamos nos ater, especificamente, a demonstração da tese de que a eugenia estava na base das políticas públicas da educação de surdos no século XIX⁶. Portanto, retornemos ao ponto em que, no terceiro parágrafo deste tópico, iniciamos a discussão da eugenia no Brasil.

O movimento eugênico cativou – ou teve o apoio de – diversas instituições da sociedade, e a escola foi uma delas, por ser um local privilegiado de identificação dos *anormais* e de encaminhamento deles para os serviços médicos e clínicos correspondentes a cada caso, assim como de educação não apenas dos estudantes, mas também das famílias, auxiliando na propagação da eugenia, concepção esta que emergia uma nova concepção de anormalidades. Nota-se, pois, a relação íntima do campo da Educação com o campo da Eugenia.

No presente artigo demonstramos a influência do saber eugênico na educação de surdos do século XIX, tendo como base os autores Renato Kehl, Alexander Graham Bell e as *Atas do Congresso Internacional de Educação para Surdos*⁷ (Congresso de Milão, 2011), que ocorreu em Milão em 1880. Nessas atas é citado o americano Alexander Graham Bell (1847-1922) como um reconhecido educador de surdos. A eugenia tem sua influência reconhecida nas obras analisadas, marcadas pelo esforço para normalizar o surdo posto que o padrão branco e ouvinte era o *desejável* para a época.

Bell, além de professor de surdos, foi vice-presidente do *Primeiro Congresso Internacional de Eugenia* ocorrido em Londres em 1912, integrante do *Conselho de Diretores Científicos* inaugurado pelo *Escritório de Registro Eugenista* também em 1912, diretor do referido escritório nos anos de 1914-1916 e presidente honorário do *Segundo Congresso Internacional de Eugenia* ocorrido em 1921 em Nova York (Black, 2003).

Em sua obra de 1883, *Memoir: upon the formation of deaf variety of the human race* (*Memorial: sobre a formação da variedade surda da raça humana*), Bell fez um estudo no qual relacionou o aumento do número de indivíduos surdos e o casamento de surdos entre si, ou

seja, ele defendia o caráter potencialmente hereditário da surdez. Importante lembrar que Bell, além de ser filho de uma mulher surda, casou-se com uma de suas estudantes, também surda, chamada Mabel Gardiner Hubbard (1857-1923), com a qual teve filhas. Bell empenhou-se na educação da esposa, valendo-se de uma didática que permitisse a ela eliminar todo e qualquer traço que desse visibilidade a sua surdez. Mabel correspondeu às expectativas de Bell, defendendo que a surdez poderia ser mascarada, quando em relação social com pessoas ouvintes, pela persistência no treino auditivo e articulatório, do que ela era o exemplo vivo. Sugeriu a convivência dos surdos estritamente com pessoas ouvintes, para que não tivessem um modelo do que seria ser surdo e para evitar o sentimento de uma espécie de *identidade surda*, o que os isolaria do grupo humano ouvinte. Todavia, Mabel torna claro o efeito dessa recomendação sobre ela mesma:

Eu tenho me empenhado de todo o modo para esquecer o fato [de ser surda], e ser tão completamente normal que eu poderia passar como tal. **Ter alguma coisa para fazer com outra pessoa surda imediatamente coloca em evidência esse fato tão duramente oculto.** Então eu tenho ajudado em outras coisas e pessoas... qualquer coisa, toda coisa, exceto o surdo. (Bruce, 1990, p. 380, grifo nosso)⁸

8 "I have striven in every way to have that fact forgotten, and to so completely be normal that I would pass as one. To have anything to do with other deaf people instantly brought this hard-concealed fact into evidence. So I have helped other things and people... anything, everything but the deaf" (Bruce, 1990, p. 380)

Apesar de essa afirmação merecer uma discussão posterior sobre o processo de subjetivação e identificação de um sujeito submetido a um rigoroso e disciplinar processo de normalização pelo outro *normal*, ou por um *expertise* como Bell, nosso objetivo, no presente artigo, como já expressei, é demonstrar a estreita vinculação das ideias de Alexander Graham Bell (1883) e daquelas presentes nas atas do *Congresso Internacional de Educação para Surdos* de 1880 (Congresso, 2011) – que nomearemos apenas *Congresso* durante este trabalho – com as teses eugênicas organizadas e defendidas por Renato Kehl (1923).

Conquanto nossas conclusões sugiram uma não ruptura da política educacional adotada para os surdos com as práticas escolares na atualidade, as análises e as discussões aqui expressas se referem, temporalmente, à educação de surdos no final do século XIX.

2 METODOLOGIA

A partir da análise das três obras: *A cura da fealdade* (Kehl, 1923), *Memoir: upon the formation of deaf variety of the human race* (Bell, 1883) e *Atas do Congresso Internacional de Educação para Surdos*, publicadas em 1880 (Congresso, 2011), foi possível reconhecer que todas elas defendem a eugenia como uma ciência cuja proposta era tornar possível, no futuro, uma sociedade composta

por homens e mulheres sem doenças ou belos, tal como bem resumido por Kehl (1923, p. 26): “A Eugenia considera beleza a normalidade; normalidade esta somática, psychica e moral”.

Para analisar a obra de Bell e as Atas, elaboramos quatro categorias analíticas derivadas das ideias de *beleza* e *fealdade* definidas em *A cura da fealdade* (Kehl, 1923)⁹: 1. Hereditariedade. 2. Educação. 3. Normalidade. 4. Cultivo da beleza e atenuação da fealdade.

Nos quadros 1 a 4 foi realizada a comparação entre as posições de Kehl (1923), sempre na primeira coluna dos quadros, por ser o autor eugenista referencial da pesquisa; dos congressistas de Milão (Congresso, 2011), na segunda coluna; e Bell (1883), na terceira.

3 DAS CATEGORIAS, DOS RESULTADOS E DAS ANÁLISES

I - Hereditariedade

Segundo Kehl (1923), a hereditariedade é considerada causa tanto da *beleza*, significando saúde integral, como da *fealdade*. O termo *fealdade* deve ser encarado a partir do ponto de vista galtoniano, como relativo à anormalidade, à morbidez e resultante do fato de os seres humanos alterarem a lógica da natureza em seu processo de seleção natural dos mais aptos, processo que perpetuaria os *traços positivos* de uma espécie por acasalamentos; no mecanismo de seleção natural, os menos aptos, em geral, desaparecem, por não deixarem descendentes ou porque esses tendem a morrer cedo em decorrência de suas anormalidades.

[...] a fealdade é um mal extremamente generalizado; que ella tanto pode ser physica, moral, como psychica ou intelectual; finalmente, que a fealdade não é um fruto expontaneo da natureza, e, nestas condições, apresenta causas determinantes que são, não só combatíveis como evitáveis. (Kehl, 1923, p. 7-8)

Entretanto, Kehl ressalta que a fealdade também pode ser causada por doenças, mesmo se a pessoa tiver uma *boa genética*. As citações a seguir exemplificam o pensamento eugênico no que diz respeito à hereditariedade:

Pelo jogo das leis da hereditariedade, pode-se corrigir uma imperfeição, pode-se mesmo embelezar uma descendencia; ella domina tudo; determina o talhe, o vigor, a saúde; determina também a belleza (Kehl, 1923, p. 203).

A fealdade não é attributo natural da especie humana; corresponde a um desequilibrio provocado por diversas causas, taes como a doença e a degeneração. Pela acção da primeira se fica feio; pela acção da segunda

9 Utilizamos *A cura da fealdade*, de Kehl, por ser uma obra muito didática e clara na organização e na prescrição das ideias eugênicas.

se nasce feio [...] A fealdade é um efeito, e não um efeito sem causa (Kehl, 1923, p. 193).

A teoria eugênica se funda no papel determinante da hereditariedade e no princípio de que, a partir de *cruzamentos corretos*, seria possível desenvolver uma raça humana superior; logo, justifica-se a importância dada por Kehl (1923) à escolha eugênica dos casamentos (a partir da eleição seletiva de pessoas com características superiores por meio de exames pré-nupciais que identificassem possíveis defeitos que pudessem comprometer a *qualidade da prole*), às proibições de casamentos inadequados e às esterilizações compulsórias.

A regulamentação do casamento, dentro dessas normas, pode parecer desumana, tyrannica, para aqueles que não presuppõem a desdita de tantas esposas, a desgraça de tantas crianças, nascidas com deformidades, de milhares de monstriparos que ahi vivem, arrastando as suas miserias e fealdades. O ato de evitar as delicias do hymeneu a pobres mortaes que, com isso, vão causar a desgraça de tantos outros, não pode ser considerado uma crueldade. Mesmo que seja crueldade, tyrannia, deve ser praticado porque é louvavel e benefico (Kehl, 1923, p. 259).

O Quadro 1 faz um levantamento da posição dos referidos autores em relação à hereditariedade:

Quadro 1 – Hereditariedade

HEREDITARIEDADE		
KEHL (1923)	CONGRESSISTAS DE MILÃO (Congresso, 2011)	BELL (1883)
<p>Afirma que a partir de cruzamentos corretos, seria possível desenvolver uma raça humana superior. Entretanto, quando os cruzamentos ocorressem entre pessoas degeneradas (hereditariedade mórbida), teriam como consequência a degeneração da raça. A seguir, algumas citações, à guisa de exemplo:</p> <p>a) “Todos os indivíduos, dominados pela força denominada hereditariedade, tendem a repetir-se nos seus descendentes e a transmitir-lhes suas particularidades normaes e mórbidas” (Kehl, 1923, p. 197-198).</p> <p>b) “[...] a hereditariedade representa um importante fator na maior ou menor duração da vida. Os individuos que tiveram paes, avós e bisavós longevos apresentam todas as probabilidades de usufruirem longos annos de vida [...] a duração da vida depende, seguramente, das influencias transmitidas pela hereditariedade e das condições de existencia” (Kehl, 1923, p. 162).</p>	<p>Insistem no fato de que a hereditariedade pode determinar a surdez:</p> <p>a) a ligação entre a genética do surdo e seus problemas de saúde: existe uma “[...] tendência genética do surdo em apresentar saúde e longevidade abaixo da média” (Congresso, 2011, p. 128);</p> <p>b) o receio do casamento entre surdos por causa da tendência de propagação da surdez à prole: “Já dispomos de considerável conhecimento sobre as maiores causas da surdez, tanto congênita como pós-natal. Será que estamos conseguindo, com sucesso, ser ágeis em impedir a ação e o efeito dessas causas? No tocante a casamentos consanguíneos e casamentos entre surdos, sabem-se quais uniões devem ser evitadas? Será prudente evitar a procriação ou não?” (Congresso, 2011, p. 149).</p>	<p>Buscou provar o efeito da hereditariedade na propagação da surdez:</p> <p>a) “Os irmãos e irmãs dos surdos e mudos são tão passíveis de terem filhos surdos e mudos quanto os próprios surdos-mudos¹⁰, supondo que cada um deles se case com membros de famílias que não mostraram predisposição à surdo-mudez” (Bell, 1883, p. 24, tradução livre)¹¹.</p> <p>Com base na hereditariedade, Bell (1883) condenava o casamento de surdos com surdos e com parentes de surdos e a procriação destes, pelo receio da formação de uma raça humana surda.</p> <p>b) A partir de suas pesquisas, afirma que “[...] a evidência mostra a tendência à formação de uma variedade de surdos da raça humana na América”¹² (Bell, 1883, p. 45, tradução livre).</p> <p>c) “Nós temos boas razões, portanto, para temer que o casamento entre os surdos-mudos congênitos, mesmo que a surdez em ambos os casos possa ser esporádica, resultaria em muitos casos, na produção de filhos surdos (Bell, 1883, p. 12, tradução livre)¹³.</p> <p>d) “É de se temer que os casamentos entre tais pessoas causariam resultados desastrosos a seus filhos (descendência)” (Bell, 1883, p. 11, tradução livre)¹⁴.</p>

10 *Surdo-mudo* era a nomenclatura utilizada na época que abrangeu este estudo. Por isso, conservaremos essa expressão no decorrer do trabalho, quando nos referirmos tanto à obra de Bell como ao Congresso de Milão, até para dar um melhor entendimento da visão da época, embora saibamos que não são mais usuais os termos *surdo-mudo* e *surdos-mudos*.

11 “The brothers and sisters of a deaf-mute area about as liable to have deaf-mute children as the deaf-mute himself, supposing each to marry into families that have or each into families that have not shown a predisposition toward deaf-dumbness” (Bell, 1883, p. 24).

12 “[...] the evidence shows a tendency to the formation of a deaf variety of the human race in America” (Bell, 1883, p. 45).

13 “We have good reason, therefore, to fear that the intermarriage of congenital deaf-mutes, even though the deafness in both cases might be sporadic, would result in many cases in the production of deaf offspring” (Bell, 1883, p. 12).

14 “It is to be feared that the intermarriage of such persons would be attended by calamitous results to their offspring” (Bell, 1883, p. 11).

15 “[...] (1) segregation for the purposes of education, and (2) the use, as means of communication, of a language which is different from that of the people” (Bell, 1883, p. 46).

16 “Coeducation” (Bell, 1883, p. 46).

17 “[...] complete coeducation would only therefore be possible by a change in the methods of teaching hearing children” (Bell, 1883, p. 46).

Tanto os congressistas de Milão como Bell e Kehl concluíram pela importância da hereditariedade e, com base nela, elaboraram a defesa da não propagação da surdez, embora advogando práticas distintas para evitá-la (Bell, 1883; Congresso, 2011; Kehl, 1923).

De acordo com Bell (1883), seria necessário detectar as causas que propiciavam a união marital entre surdos e investir na alteração dessas causas como maneira de evitar proles surdas no futuro. Segundo ele, entre as possíveis causas estariam: “(1) segregação por motivos de educação e (2) o uso de uma linguagem que é diferente da linguagem das demais pessoas, como maneira de comunicação” (Bell, 1883, p. 46, tradução livre)¹⁵.

Ele propõe as seguintes ações para diminuir, ou evitar, as causas que estimulariam o casamento entre surdos:

- a) Coibir a abertura de *escola segregadora* [Bell usou a expressão *segregação por motivos de educação*, ao longo de seu livro, para qualificar as escolas de surdos].
- b) Não oferecer incentivos à existência de associações de surdos.
- c) Desestimular o uso da língua de sinais.
- d) Evitar esforços para evitar o desenvolvimento da escrita de sinais.
- e) Combater o preconceito da sociedade em relação aos surdos, por meio de uma *educação apropriada* (com estimulação da leitura labial, da oralidade e da escrita), que lhes propicie ascender a posições sociais e adquirir conhecimentos equiparáveis a seus pares ouvintes. Bell defendia a *coeducação*¹⁶, entendida por ele como a educação formal de surdos no mesmo espaço escolar das crianças ouvintes, ainda que com algumas alterações, pois “[...] a coeducação completa só seria possível por meio da mudança dos métodos usados para ensinar as crianças que ouvem” (Bell, 1883, p. 46, tradução livre)¹⁷.

Os congressistas, em Milão, questionaram a possibilidade da proibição de casamentos, mas não fizeram recomendações explícitas a respeito. Para Bell a proibição seria inócua, pois não haveria estratégias que garantissem relacionamentos extraconjugais dos surdos entre si. Enfatizaram a oralização como meio de facilitar o contato de surdos com os ouvintes para diminuir os vínculos afetivos entre surdos. Segundo eles, a oralização deveria ser feita ou reforçada na escola, pois a fala, além de ser um *veículo de comunicação*, melhorava a saúde, prolongava a vida, desenvolvia a inteligência, aprimorava a afetividade e o desenvolvimento emocional – enfim, tornava o surdo *mais civilizado* (Congresso, 2011).

Em relação à oralização, Bell (1883) afirmava que a língua de sinais não era natural, nem para as crianças surdas, nem para as ouvintes e não era entendida pelo surdo, até este entrar na instituição escolar e aprendê-la.

Ao mesmo tempo, segundo ele, os ouvintes não conseguiriam se tornar suficientemente familiarizados com essa língua, para qualificarem-se como professores, a menos que residissem pelo menos um ano em uma instituição de *surdos-mudos*.

Embora compreendesse a complexidade semiótica do sistema de sinais, Bell (1883) defendia que a prática da língua de sinais atrapalharia a aprendizagem da língua oral e, finalmente – e é essa a grande ênfase dele –, faria com que os *surdos-mudos* se relacionassem apenas entre si na vida adulta e evitassem o contato com ouvintes, fazendo com que ocorresse o aumento dos casamentos entre surdos, “propagando seu defeito físico” (Bell, 1883, p. 44, tradução livre)¹⁸. A busca pela oralização do surdo, no intuito de diminuir a incidência de casamentos de surdos entre si, defendida tanto por Bell como pelos congressistas de Milão, era uma estratégia de controle do aumento da população surda.

Renato Kehl era mais radical do que Bell e os congressistas. De fato, enquanto Bell (1883) se colocava contra o casamento entre surdos e também de surdos com parentes ouvintes de surdos (pelo receio de que formassem uma raça surda da espécie humana), os congressistas de Milão (Congresso, 2011) cogitavam a proibição da procriação destes e a oralização como maneira de integrar o surdo com os ouvintes, Kehl (1923) não apenas considerava a importância da educação eugênica e o controle de casamentos, mas também defendia a esterilização compulsória de pessoas que tivessem qualquer tipo de deficiência ou que tivessem gerado um descendente com deficiência.

Entre os indivíduos destacados por Kehl (1923) para esterilização, estariam incluídos os surdos congênitos ou hereditários: “A esterilização deve ser indicada nos casos de cegueira e **surdo-mudez congênita ou hereditária**, na epilepsia, idiotismo ou quando o casal já tenha tido um filho com desordem psychica ou somatica” (Kehl, 1923, p. 263-264, grifo nosso). A esterilização era defendida por ele como um dos mecanismos utilizados pela ciência para o alcance da saúde integral e como um dos pilares importantes para se alcançar a purificação da raça.

II - Educação

A educação seria outro fator de grande importância. Caberia à escola a divulgação da eugenia e a conscientização dos alunos para a adesão ao programa eugênico: “[...] é indispensável a educação intelectual e moral dos homens; é necessário [...] que cada um concorra para melhorar a sua própria organização somato-psychica, transmittindo caracteres optimos aos descendentes atravez dos seus pro-nucleos seleccionados” (Kehl, 1923, p. 504). E acrescenta:

A educação, iniciando-se com os paes, a elles cabe a maior responsabilidade na organiza-

18 “[...] propagation of their physical defect” (Bell, 1883, p. 44).

ção moral e intellectual dos filhos; incumbem-lhes preparar as trilhas das diversas etapas a vencer. Muitas vezes, dessa educação depende, posteriormente, **a eficiência da educação pedagógica, por meio da qual o homem *in posse* se transmuda em homem *in actu*** (Kehl, 1923, p. 350, grifo nosso).

A educação era considerada de grande importância não apenas para Kehl (1923), mas também para Bell e para os congressistas de Milão (Congresso, 2011), conforme mostra o Quadro 2:

Quadro 2 – Educação

EDUCAÇÃO		
KEHL (1923)	CONGRESSISTAS DE MILÃO (Congresso, 2011)	BELL (1883)
<p>A solução para o aperfeiçoamento poderia ser a educação e os meios seletivos, dispensando a eliminação dos considerados “deserdados da sorte”, através de ações que evitassem o nascimento de novos degenerados como, por exemplo:</p> <p>a) “[...] a criação de escolas de civismo para os que sabem lêr, e escolas do a.b.c. para os analfabetos; o ensino de preceitos elementares de hygiene, em summa, a implantação no espirito publico da ‘consciencia sanitaria’ e da ‘consciencia civica’”. (Kehl, 1923, p. 168);</p> <p>b) “[...] é indispensavel a educação intellectual e moral dos homens; é necessario [...] que cada um concorra para melhorar a sua propria organização somato-psychica, transmittindo caracteres optimos aos descendentes atravez dos seus pronucleos seleccionados” (Kehl, 1923, p. 504).</p>	<p>A educação através do método oral puro é considerada essencial para a formação do surdo e para a integração dele à sociedade:</p> <p>a) “Considerando a incontestável superioridade da linguagem oral sobre a de sinais na reintegração do surdo-mudo à sociedade, permitindo a mais perfeita aquisição de conhecimento. Declara: que se deve dar preferência ao Método Oral ao invés do método de sinais para a educação e ensino do surdo-mudo”. (Congresso, 2011, p. 19-20, grifo nosso);</p> <p>b) Hull, professora de surdos, afirmou: “Estou mais convencida de que o “surdo-mutismo” ocorre devido ao uso de sinais, pois ao observar a questão pelo ponto de vista oposto, noto uma progressão uniforme no aprendizado da língua e o desaparecimento gradual do ‘surdo-mutismo’, na medida em que fui deixando de utilizar os sinais” (Congresso, 2011, p. 71).</p> <p>- A mudez não é uma consequência natural da surdez, mas fruto de uma educação inadequada e destinada a eles:</p> <p>a) Kinsey: “Entendemos, até então, o exato estado físico mesmo daqueles que nasceram sem a audição, os quais muitos de nós chamamos de surdos-mudos, ao passo que, a maneira correta seria apenas surdos. Durante séculos, demonstrou-se que o mutismo não é uma legítima consequência da surdez” (Congresso, 2011, p. 87).</p> <p>b) Caso a oralização não fosse ensinada haveria prejuízo do desenvolvimento intelectual e moral: “Sr. HUGENTOBLE (Lyon) comentou que os surdos-mudos nascem com as mesmas faculdades das crianças ouvintes. Eles diferem do restante dos seres humanos somente por aprenderem os sinais. O desenvolvimento moral é, então, prejudicado. A escrita deveria ser considerada apenas como uma forma secundária de comunicação. A fala deveria ser ensinada através da prática, não através da gramática” (Congresso, 2011, p. 33, grifo nosso).</p>	<p>A educação teria grande importância no desenvolvimento dos surdos pelos seguintes motivos:</p> <p>- Para o aprendizado da fala e da leitura labial é importante conservar, durante o período de educação, o convívio com ouvintes e uma educação igual para ambos, evitando adaptações para o surdo e implantando a oralização.</p> <p>a) “A falta da linguagem articulada também deveria ser tomada como uma causa indireta da segregação na vida adulta, operando para separar os surdos e mudos das pessoas que ouvem. Por isso, a instrução em articulação e leitura de discurso deveria ser ensinada a todos os alunos” (Bell, 1883, p. 47, tradução livre)¹⁹.</p> <p>- É necessário evitar professores <i>surdos-mudos</i> e o uso de sinais, pois prejudicariam a aprendizagem da articulação:</p> <p>a) “Aproximadamente um terço dos professores dos surdos e mudos da América são eles mesmos surdos, e isto deve ser considerado como mais um elemento favorável à formação de uma raça surda – deve ser, portanto, evitado” (Bell, 1883, p. 48, tradução livre, grifo nosso)²⁰.</p> <p>- A redução da surdez hereditária poderia se dar através da educação e de mudanças nos fatores segregadores da educação de surdos.</p> <p>a) “A segregação dos surdos e mudos, o uso da língua de sinais e o emprego de professores surdos produzem um ambiente desfavorável ao cultivo da articulação e da leitura discursiva e algumas vezes causa o desuso da fala por alunos que são somente surdos, mas que podem falar” (Bell, 1883, p. 48, tradução livre)²¹.</p>

19 “The lack of articulate speech should also be noted as an indirect cause of segregation in adult life, operating to separate deaf-mutes from hearing persons. Hence, instruction in articulation and speech-reading should be given to every pupil” (Bell, 1883, p. 47).

20 “Nearly one-third of the teachers of the deaf and dumb in America are themselves deaf, and this must be considered as another element favorable to the formation of a deaf race – to be therefore avoided” (Bell, 1883, p. 48).

21 “The segregation of deaf-mutes, the use of the sign-language, and the employment of deaf teachers produce an environment that is unfavorable to the cultivation of articulation and speech-reading, and that sometimes causes the disuse of speech by speaking pupils who are only deaf” (Bell, 1883, p. 48).

22 O Método Oral Puro baseia-se no ensino de surdos a partir exclusivamente do treino da leitura labial e fala sem o uso associado de sinais para a comunicação.

Como se lê no Quadro 2, para Kehl (1923) as funções da escola seriam:

- a) Ensinar os princípios da eugenia e ações que possibilitariam aos indivíduos manterem-se belos e saudáveis.
- b) Possibilitar a valorização dos costumes saudáveis e moldar os indivíduos belos para que se casassem com indivíduos do mesmo nível, de maneira a proteger a prole.
- c) Ensinar o padrão eugênico de beleza. Os alunos deveriam ter como foco alcançar e manter tal padrão em si, na espécie e em sua descendência.

O Congresso de Milão (Congresso, 2011) defendeu que a educação seria importante para a formação do surdo, tendo em vista a profissionalização e a integração à sociedade. Para tanto, a escola deveria ter como foco a *oralização*. O Congresso determinou que fosse utilizado o *método oral puro*²², que, de acordo com a maioria de seus membros, possibilitaria:

- a) maior desenvolvimento do surdo;
- b) aprendizagem da língua oral;
- c) melhor adequação à sociedade, por conta da capacidade de comunicação com os ouvintes;
- d) desenvolvimento moral, necessário à vida social.

Segundo Bell (1883), a educação teria grande importância no desenvolvimento dos sujeitos e seria um fator determinante na formação dos surdos, podendo segregá-los ou integrá-los à sociedade, de acordo com os preceitos e a constituição da escola. Segundo ele, a oralização, através de uma educação adequada e no mesmo espaço escolar dos alunos ouvintes, seria fundamental para que o surdo se integrasse à sociedade ouvinte e, para essa integração era importante que se evitasse a contratação de professores surdos. O surdo, com professores ouvintes, aprenderia a falar e a escrever a língua do país (no caso dos Estados Unidos, o inglês) e a realizar leitura labial, facilitando a comunicação com os ouvintes e a criação de vínculos afetivos e sociais entre eles.

Já em uma escola apenas para surdos, que possibilitasse o desenvolvimento da língua de sinais, eles tenderiam a substituir o inglês pelos sinais, o que os levaria a unirem-se entre si e a se afastarem dos ouvintes, por conta da diferença de comunicação entre eles, agravando ainda mais o isolamento dos surdos dos ouvintes (Bell, 1883). Nesse ponto cabe enfatizar que os Estados Unidos viviam uma tensão política grande, decorrente do fluxo migratório e dos povos anexados ao território americano, falantes do espanhol. A língua inglesa era o elo de uma cadeia a ser reforçado para a manutenção da identidade americana (Bruce, 1990).

Para Bell, a língua de sinais, aliada a outros fatores já citados neste trabalho, seria um fator de risco que levaria à formação de uma raça surda americana. Os sinais

possibilitariam a comunicação entre os surdos, mas, ao mesmo tempo, os afastaria dos americanos ouvintes, por conta da dificuldade de comunicação com estes e da possível autonomia que eles teriam em relação à maioria ouvinte (Bell, 1883).

III - Normalidade

A busca pela normalidade, terceira categoria de análise do presente artigo, é definida por Kehl como: perfeição física, moral, psíquica e intelectual, assim como a harmonia entre elas. Segundo ele, são considerados normais os indivíduos saudáveis, fortes, belos, robustos e que apresentem bom funcionamento de todos os órgãos, conforme revelam as citações a seguir:

A Eugénia não exige, para admittir no rol dos bellos, que os individuos apresentem a formosura excelsa d'um Apollo ou d'uma Venus. A Eugénia considera belleza a NORMALIDADE; normalidade esta somatica, psychica e moral (Kehl, 1923, p. 26).

O 'homem eugenisado' é o homem em estado de normalidade; esta, segundo o critério eugenico, [...] corresponde á harmonia synergica entre a perfeição somatica e a psychica. Nestas condições o homem para ser considerado modelo galtonico precisa ser são de corpo e de espirito, ser robusto e bello (Kehl, 1923, p. 28).

A Eugénia não admite a dissociação das qualidades somaticas e outra (Kehl, 1923, p. 27). A beleza anatomica está na dependencia da normalidade e regularidade funcional dos orgaos (Kehl, 1923, p. 105).

Um imbecil plasticamente perfeito não é considerado bello, sob o ponto de vista eugênico (Kehl, 1923, p. 27, grifo nosso).

[...] a fealdade é um mal extremamente generalizado; que ella tanto pode ser physica, moral, como psychica ou intelectual [...] (Kehl, 1923, p. 7).

Não pode ser considerado bello o individuo tarado ou doente. (Kehl, 1923, p. 27).

O Quadro 3 expressa a concepção de Kehl (1923) em relação à normalidade e algumas marcas encontradas na obra de Bell (1883) e nas Atas do Congresso de Milão (Congresso, 2011):

Quadro 3 – Normalidade

NORMALIDADE		
Kehl (1923)	CONGRESSISTAS DE MILÃO (Congresso, 2011)	BELL (1883)
<p>Beleza consiste em normalidade. A perfeição física, moral e psíquica são indissociáveis; na ausência ou deficiência de uma delas, o indivíduo é enquadrado na <i>fealdade</i>:</p> <p>a) “a Eugénia não admite a dissociação das qualidades somáticas e outras” (Kehl, 1923, p. 27).</p> <p>- Os indivíduos normais são saudáveis, fortes e robustos:</p> <p>a) “A saúde é o bom funcionamento de todos os órgãos internos: coração, pulmões, estomago, fígado, intestinos.... sem perturbações, sem incommodos de qualquer espécie; é o espírito livre, a necessidade de acção muscular; e, em duas palavras, o equilíbrio perfeito do corpo, a alegria de viver” (Kehl, 1923, p. 77, grifo nosso).</p>	<p>A surdez se associa com diversas doenças.</p> <p>a) Dr. Thompson: “O surdo congênito [...] frequentemente herda, além da surdez, outros distúrbios da constituição do organismo humano [...]” (Congresso, 2011, p. 127, grifo nosso).</p> <p>b) Dr. Thompson: “Aqueles que se tornam surdos na infância, como consequência da febre escarlate, sarampo, meningite, convulsões relacionadas à dentição ou a outras enfermidades agudas, geralmente apresentam deficiência auditiva, não tanto em decorrência da virulência em si, mas sim devido à vulnerabilidade ou debilidade do organismo. Em ambos os casos, nota-se, assim, uma tendência genética do surdo a apresentar saúde e longevidade abaixo da média” (Congresso, 2011, p. 128).</p> <p>c) Dr. Thompson: “[...] ficou constatado, há muitos anos, que doenças e declínios são consequências naturais [a surdos], advindas da permanente irritação da mente aprisionada, que impede o desenvolvimento saudável do corpo e da mente [...] Com referência aos resultados do recenseamento (1871), verificamos que 40% dos surdos e mudos se encontram entre cinco e vinte anos de idade; 50% possuem entre vinte e sessenta anos de idade; 7% têm mais de sessenta anos de idade. Após os quarenta e cinco anos, ocorre uma rápida diminuição nos números. O número dos surdos que ultrapassa a idade dos setenta anos é muito pequeno” (Congresso, 2011, p. 133-134, grifo nosso).</p> <p>d) Dr. Thompson cita o panfleto <i>Como ensinar o mudo a falar</i>, de autoria de Dr. James Patterson Cassells: “A fala [que é aprendida nas escolas oralistas] também possibilita ao mudo sustentar-se com o seu trabalho, conquistando, assim, grande independência, visto que passa a adquirir conhecimento por meio da crescente comunicação com pessoas à sua volta. A fala torna o mudo mais civilizado, melhora seu estado de saúde em geral, assim como a sua audição. Além disso, a fala minimiza as chances de contração de doenças pulmonares, prolongando, assim, a vida” (Congresso, 2011, p. 138, grifo nosso).</p>	<p>Bell (1883) desvincula a surdez de doenças e problemas de saúde:</p> <p>a) “Essas pessoas que chamamos de ‘surdos-mudos’ não possuem nenhum outro defeito além da surdez” (Bell, 1883, p. 43, grifo nosso, tradução livre).</p>

Como se nota no Quadro 3, Bell não associa à surdez nenhuma patologia concomitante a ela ou dela decorrente. A surdez, segundo ele, não se relacionava com uma enfermidade em si mesma nem fazia parte de uma síndrome; consistiria na ausência da audição, e, se o surdo não tivesse sido acometido de alguma outra patologia, não teria nenhum sintoma além da falta de audição. De acordo com Bell, se a oralidade lhe fosse devolvida, o surdo seria uma pessoa sem defeito aparente.

Nas Atas, são constantes as relações entre a surdez e diversas doenças, como frieiras, raquitismo, secreções no ouvido, atrofia no crescimento, doenças degenerativas e pulmonares, citadas por Dr. Thompson para reiterar o fato de o surdo ter menos saúde e longevidade por determinação genética (Congresso, 2011).

A relação entre a oralização, a saúde física e mental e o desenvolvimento moral foi um argumento insistente,

em vários momentos no Congresso, na defesa do *método alemão* (oral puro):

[...] há doenças e estados mórbidos a que estão propensos, particularmente os surdos-mudos, demandando precauções terapêuticas especiais e higiênicas (Item IV, Questão 4). Além das condições conjecturadas para melhorar a saúde e prolongar a vida do surdo, deve-se remover a palavra mutismo. Da mesma forma, deve-se executar a prática dos órgãos vocais respiratórios, conforme o sistema de educação “alemão” considerado o melhor (Congresso, 2011, p. 143).

Hugentobler (Congresso, 2011) afirmou que o desenvolvimento moral do surdo é prejudicado pela utilização de sinais e pela não utilização da voz pelo surdo. Para Tarra, Presidente do Congresso,

[...] requer muita coragem ensinar somente por fala. Deve-se renunciar o uso de sinais. [...] **É na sala de aula que começa a ‘rendição’ do surdo-mudo**, que espera que seu professor o torne um ser humano, permitindo que o aluno aprenda a mover, durante a fala, seus lábios e não suas mãos, por meio de sinais (Congresso, 2011, p. 24, grifos nossos).

Os procedimentos de oralização do surdo são efeitos do que Skliar (1998), um século depois, denominou de *ouvintismo*, que, segundo ele, se refere a um conjunto de

representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte, percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais (Skliar, 1998, p. 15).

Outro pesquisador, Buxton, convocou os congressistas a pensarem sobre métodos preventivos: “Conseguimos deter as doenças antes que possam destruir a vida, deixando-as ainda mais violentas com a nocividade que destrói a audição? Em outras palavras: temos menos mortos, porém mais surdos? Será isso inevitável?” [...] (Congresso, 2011, p. 150). Ele concluiu que, sem prevenção, os gastos públicos na educação de surdos deveriam ser ampliados, a não ser se eles estudassem nas mesmas classes que estudantes ouvintes.

Como vimos discutindo até aqui, a língua de sinais era tida, nos séculos XIX e XX, como efeito da ausência de uma função orgânica (a audição) e enfatizaria este *defeito* nos indivíduos surdos, o que os situaria no rol da fealdade/anormalidade, conforme entendido por Kehl (1923). Os surdos permaneceriam, segundo ele, na condição de

fealdade, e a oralização seria *apenas* uma maquiagem que auxiliaria na qualidade de vida do surdo. Entretanto, os surdos hereditários se manteriam na condição de fealdade e não deveriam ter filhos, pois continuariam propagando a surdez para sua descendência. Como solução, ele sugere a esterilização.

Ficaria, portanto, a cargo do surdo, de sua família, da escola e do próprio Estado fazer o máximo para que o surdo fosse *normalizado*, ou seja, para que conseguisse se passar por ouvinte, sem *trejeitos de surdo*. Essa era a busca da maioria dos congressistas em Milão, os quais, por esse motivo, investiram na formulação de determinações para aperfeiçoar uma educação de surdos *oral pura*, para que suas atitudes se aproximassem das dos ouvintes, com a voz o mais natural possível, sem utilizar-se de sinais para comunicação (Congresso, 2011).

IV – Cultivo da beleza e atenuação da fealdade

Kehl (1923) afirmou que a sociedade considerava, erroneamente, que a fisionomia refletiria o psiquismo e a moral e que uma pessoa sem atributos de beleza física agregaria, além da feiura, desvios psíquicos e/ou morais. Embora contrário a esse preconceito popular, defendeu que o *sujeito feio*, para evitar tais julgamentos por parte da sociedade, deveria se aproximar do *belo*, ou seja, cultivar a beleza e atenuar a *fealdade*.

Segundo ele, a beleza poderia ser cultivada a partir da realização de exercícios físicos, boa alimentação, higiene e educação eugênica. Já a atenuação da fealdade poderia ocorrer através de procedimentos médicos, cirúrgicos, maquiagem, plástica e de uma educação baseada não apenas em conteúdos acadêmicos, mas também em exercícios físicos, correções de postura corporal, informações sobre os preceitos eugênicos, alimentação, higiene e hábitos saudáveis morais em conformidade com o conhecimento eugênico, como preconizava Kehl (1923):

A saúde e a beleza não prescindem da subordinação aos preceitos de hygiene, ao trato acurado de todas as partes do corpo. Uma criança nascida de paes sadios, após gestação normal, precisa crescer em boas condições de hygiene. Si, porém, fôr mantida em más condições higienicas, em meio desfavoravel, sob nefasta acção de doenças e accidentes, não poderá, naturalmente, tornar-se um individuo forte, de organização somato-psychica perfeita, para ser um verdadeiro “especimen galtoniano” (Kehl, 1923, p. 295).

Para Kehl (1923), o tratamento, ou a atenuação, da fealdade não deveria se restringir ao uso de maquiagens ou de ornamentos, mas em terapêuticas que melhorassem a saúde como, por exemplo,

a multiplicação dos globulos vermelhos e augmento da percentagem da hemoglobina, tendo em vista combater as causas anemiantes; consiste em corrigir as desharmonias physicas por processos efficazes como enxertos, autoplastias, ou por electrolyse, massagem plastica, ou orthopedias cirurgica e de aparelhos (Kehl, 1923, p. 360).

A posição de Kehl (1923), de Bell (1883) e dos congressistas em relação ao cultivo da beleza e da atenuação da fealdade foi comparada no Quadro 4 a seguir:

Quadro 4 – Cultivo da beleza e atenuar da fealdade

CULTIVO DA BELEZA E ATENUAR DA FEALDADE		
Kehl (1923)	CONGRESSISTAS (Congresso, 2011)	BELL (1883)
<p>a) “Além das malformações citadas ainda existem outras; resultantes de posições viciosas, impostas ao corpo durante a adolescencia, principalmente nas escolas. A inobservância das regras de hygiene escolar é responsavel por muitos desvios da coluna vertebral e de outras incorrecções morphologicas do corpo. Os mestres devem cogitar, com interesse, de dar aos alumnos bancos de diversos tamanhos de accordo com a estatura dos mesmos e zelar para que elles se mantenham sentados em atitude correcta, permitindo, somente, que as mãos e parte do ante-braço repousem na mesa” (Kehl, 1923, p. 457).</p> <p>b) “A legitima therapeutica da belleza requer o vigoramento do corpo, a sua modelagem scientifica, dentro do padrão eugenico da normalidade. Com a evolução formidavel alcançada pela medicina, em todos os seus ramos, pode-se actualmente corrigir a quase totalidade das imperfeições physicas; grande numero de medicos dedica-se a essa especialidade conseguindo os melhores resultados, tornando bella a apparencia ou, pelo menos, remediando deformidades inestheticas, favorecendo desse modo a situação desagradavel de muitas victimas da cacoplastia” (Kehl, 1923, p. 360).</p>	<p>Os congressistas recomendavam diversos procedimentos que objetivavam diminuir ou evitar problemas de saúde dos surdos para <i>atenuar a sua fealdade</i>; a oralidade era um deles:</p> <p>a) Howard, diretor da Instituição de Yourkshire: “No que se refere à saúde, acreditamos que o papel dos pulmões, ao exercitar a voz, aumenta a oxigenação e libera ao sangue dos alunos um estímulo, promovendo uma circulação mais vigorosa e afastando muitas das complicações suscetíveis aos surdos e mudos. Desde a introdução de exercícios orais, como por exemplo: treinos em voz alta, o número de casos de frieiras, na Instituição de Donscaster, que anteriormente se fazia parte da natureza das feridas expostas, reduziu consideravelmente” (Congresso, 2011, p. 139, grifo nosso).</p> <p>b) “Conclui-se a partir das observações anteriores, defendidas pelas opiniões de homens cuja experiência os habilitam a falar, e cuja autoridade deve merecer o respeito do Congresso que: há doenças e estados mórbidos a que estão propensos, particularmente os surdos-mudos, demandando precauções terapêuticas especiais e higiênicas” (Congresso, 2011, item IV, questão 4, p. 143).</p>	<p>Não relacionou na referida obra a surdez ou a língua de sinais a traços de fealdade.</p>

A beleza, inicialmente, dependeria da genética, mas, para mantê-la, seria necessário propiciar condições que possibilitem seu cultivo, conforme descrito na obra de Kehl (1923). A falta de zelo com as regras higiênicas resultaria em consequências que poderiam levar indivíduos belos a perderem esse *status*, ao adquirirem problemas que levassem ao rompimento com a harmonia entre os aspectos físicos, psíquicos, morais e intelectuais. A beleza deveria ser cultivada para que os indivíduos se mantivessem dentro do padrão eugênico de belo, ou seja, mesmo a pessoa tendo toda a genética para ser bela, de acordo com Kehl (1923), seria possível passar a ser classificada como pertencente à fealdade, por não ser cultivada a beleza, pois os fatores ambientais também influenciariam nesse aspecto.



Conforme defende Kehl (1923), caso os indivíduos possuíssem algum traço de fealdade, deveria ser buscada a cura, e, nos casos em que não pudessem ser curados, dever-se-ia atenuar a fealdade, aproximando os indivíduos o máximo possível do ideal eugênico por meio de: exercícios, medicações, procedimentos cirúrgicos, plásticas, dentre outras. Destaca-se, ao longo das três obras, a recomendação para que as pessoas fossem moralmente convocadas para a seleção de seus parceiros por meio de exames pré-nupciais, no intuito de não propagarem seus defeitos em favor do bem comum (Kehl, 1923).

No Congresso, os participantes não apresentaram de maneira explícita a intenção de, através prática da oralização, atenuar a fealdade do surdo; entretanto, tendo em vista que vinculavam a surdez a problemas de saúde, recomendavam precauções terapêuticas especiais e higiênicas, como prevenção ou tratamento de enfermidades nos surdos. Seria, portanto, como uma *mescla de atenuação da fealdade* e de sua prevenção.

Dentre as ações citadas pelos congressistas, além da oralização, também foram recomendados exercícios calistênicos¹⁵ para desenvolver o tórax, a garganta, os canais nasais, a elegância nos movimentos e uma voz agradável de ser ouvida. Esses exercícios, assim como o treino oral, deveriam ser realizados regularmente para que seus resultados fossem perceptíveis e satisfatórios. Os congressistas defendiam, igualmente, que “os melhores exercícios calistênicos possíveis para um surdo-mudo, cujo ensino se baseia no ‘sistema francês’, apesar de inquestionável valor, seriam muito inferiores aos exercícios de articulação, proporcionados pelo ‘sistema alemão’” (Congresso, 2011, p. 141). Portanto, segundo eles, os exercícios calistênicos seriam fundamentais, devendo ser associados ao uso constante de laringe, faringe, gritos, risos, conversas, exercícios físicos, jogos ao ar livre, fatores determinantes do sistema alemão (Congresso, 2011).

Para Kehl, mesmo se fossem realizados todos esses exercícios, a genética dos surdos continuaria a mesma; logo, segundo os preceitos eugênicos defendidos por ele, os surdos deveriam ser conscientizados da necessidade de não terem filhos, para não propagar seu *defeito*, a surdez, para sua descendência (Kehl, 1923).

4 TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

[...] o maior projeto da vida é existir. E existir é também poder permitir ao outro a liberdade de existência (Souza; Gallo, 2002).

Tanto Renato Kehl como os congressistas apresentavam um discurso eugênico de natureza clínica, a partir do qual defendiam que a surdez agregaria diversos problemas de saúde, tanto física como mental. A recomendação era de

15 Calistênico: “adj. Relativo a calistenia” (Houaiss; Villar, 2009, p. 370). Calistenia: “s.f. (1873) 1. método ou conjunto de exercícios físicos, espécie de ginástica rítmica, sem uso de aparelhos, para dar beleza, força e vigor ao corpo” (Houaiss; Villar, 2009, p. 370).

que os feios se aproximassem ao máximo da *beleza*, corrigindo suas imperfeições; ou, quando não fosse possível a cura, *disfarçando-as*. Uma maneira considerada eficaz para tal *disfarce* seria a oralização; com o surdo falando e realizando a leitura labial, ele se aproximaria da norma e se enquadraria dentro de um *desvio aceitável* (Souza; Gallo, 2002).

Outro recurso para a aproximação da norma ouvinte e falante seria o desenvolvimento da medicina agregada às tecnologias – diversas e distintas, em cada época – para possibilitar intervenções atenuadoras do defeito ou traço de *fealdade*.

Bell (1883) defendeu a oralização também por questão de uma política de governo do Estado, ou seja, por uma preocupação nacionalista: em comunidade, os surdos poderiam constituir outra raça americana – a *raça surda americana* –, que teria outra língua e talvez outra escrita, que não o inglês. Seu receio não era sem propósito: com o expansionismo americano, populações e territórios latinos foram incorporados aos Estados Unidos da América (EUA) – sujeitos que polinizavam o solo americano com outras culturas e línguas. A não colonização desses povos e sua incorporação direta aos EUA poderiam colocar em risco o desenvolvimento da identidade do povo estadunidense, baseada na língua inglesa e nas culturas anglo-saxãs (Bruce, 1990).

Bell desvinculava a surdez de doenças e distúrbios mentais ou morais. Para ele, ela consistia especificamente na ausência da audição, mas, se o surdo desenvolvesse uma fala graciosa, boa leitura labial e articulação, não se diferenciaria em aparência em relação aos ouvintes. Essa também, nos parece, é a meta daqueles que buscam implantar, em bebês surdos, um ouvido biônico. Vale lembrar que, se o implante pode facilitar a oralização, não a garante ou não garante a graciosidade da fala. Além disso, se houver rejeição, a criança surda não poderá mais fazer uso de próteses externas, posto que seu ouvido interno já terá se danificado.

Ressaltamos, entretanto, que Kehl, os congressistas e Bell, ainda que por motivos distintos, postulam que, além de haver empenhos para a normalização dos surdos existentes, a surdez deveria ser eliminada gradualmente, como traço de existência humana.

A eugenia tem sua influência reconhecida nas obras analisadas, marcadas pelo esforço para normalizar o surdo. A normalização se dava com o objetivo de aproximá-lo do que era considerado normal para a espécie humana no período que se atém o presente estudo. Tendo em vista a análise documental aqui realizada, constatamos que as decisões do Congresso de Milão de 1880 (Atas, 2011), as orientações de Renato Kehl (1932) e as pesquisas e resultados de Bell (1883) em relação à hereditariedade da surdez consistem em políticas de controle – *ou de melhoria* - da população no sentido de que cada sujeito humano deveria,

antes de procriar, reconhecer suas imperfeições por um meticuloso trabalho de consciência educativa (institucional) e, assim, não deixar para o futuro suas pretensas taras, anormalidades e degenerações. Cada ser educado, na perspectiva eugênica, deveria colocar o bem estar e felicidade próprias a favor da criação de um mundo *admiravelmente* sem sofrimento, sem pessoas com deficiência, sem pobreza, belo e produtivo.

REFERÊNCIAS

BELL, Alexander Graham. **Memoir:** upon the formation of a deaf variety of the human race. New Haven: National Academy of Sciences, 1883. 86 p.

BLACK, Edwin. **Guerra contra os fracos:** a eugenia e a campanha dos Estados Unidos para criar uma raça dominante. Tradução de Tuca Magalhães. São Paulo: A Girafa, 2003.

BRUCE, Robert Vance. **Bell:** Alexander Graham Bell and the Conquest of Solitude. New York: Cornell University Press, 1990.

CONGRESSO DE MILÃO. **Atas do Congresso de Milão: 1880.** Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), vol. 2. Rio de Janeiro: INES, 2011.

DARWIN, Charles. **The origin of species by means of natural selection.** London: John Murray, 1859.

DIWAN, Pietra. **Raça pura:** uma história da eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Contexto, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **Vigiar e punir:** história da violência nas prisões. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **Em defesa da sociedade:** curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, 1.^a edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1986 p.

KEHL, Renato. **A cura da fealdade:** eugenia e medicina social. São Paulo: Monteiro Lobato & Co. Editores, 1923.

SANTOS, Ricardo Ventura; MAIO, Marcos Chor. **Qual “retrato do Brasil”?** Raça, biologia, identidades e política na era da genômica. *Mana* [online]. 2004, vol.10, n.1, pp.61-95. ISSN 0104-9313. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132004000100003>>.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SKLIAR, Carlos. **La educación de los sordos.** Una reconstrucción histórica, cognitiva y pedagógica. Mendoza: EDIUNC, 1997.

_____. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: _____. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 7-32.

SOUZA, Regina Maria de; GALLO, Sílvio. Por que matamos o barbeiro? Reflexões preliminares sobre a paradoxal exclusão do outro. **Educ. Soc.** [online]. vol.23, n.79, p.39-63, 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302002000300004>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

Recebido em: 11/09/2017
Aprovado em: 06/03/2018
Publicado em: 30/04/2018